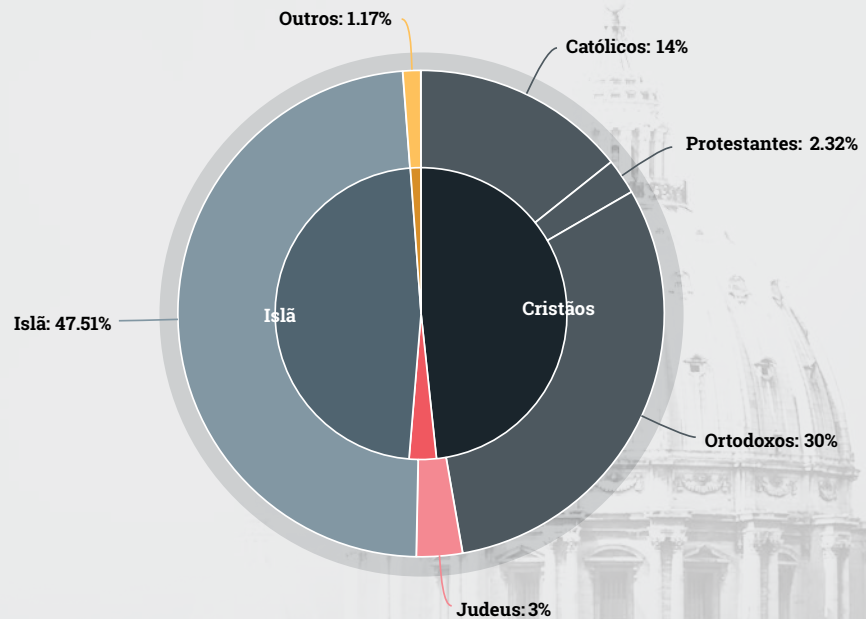


# Bósnia-Herzegovina



O acordo de paz de Dayton de 1995 pôs fim à guerra de 1992-95, mas cimentou os resultados da “limpeza étnica”, que, através de deslocamentos e migrações, segregou a população para áreas étnico-religiosas separadas. Foram criadas duas entidades separadas, efetivamente em torno das áreas étnico-religiosas: a Federação Bósnia-Croata que ocupa as regiões ocidental e central, e a República Sérvia da Bósnia, localizada a norte e leste. Ambas as entidades têm o seu próprio presidente, governo, parlamento e polícia. Acima destas entidades está um governo estatal e uma presidência rotativa de três membros. Além disso, existe o distrito de Brcko, uma unidade administrativa autônoma. O anexo 4 do acordo de Dayton é a Constituição da Bósnia-Herzegovina.

Na Bósnia-Herzegovina do pós-guerra, o aumento da presença da religião na vida pública é óbvio. Alguns acolheram o renascimento religioso como afirmação saudável de identidade, depois da secularização de décadas durante o período comunista, enquanto outros o veem como aumento da ameaça a um estado politicamente frágil. O país ainda está se curando das muitas feridas, e as tensões religiosas e culturais ainda fervem.

## DISPOSIÇÕES LEGAIS EM RELAÇÃO À LIBERDADE RELIGIOSA E APLICAÇÃO EFETIVA

Por lei, a Bósnia-Herzegovina é um estado secular sem religião do Estado. A Lei da liberdade religiosa e da situação legal das Igrejas e comunidades religiosas na Bósnia-Herzegovina” foi adotada em 2004. Esta lei prevê a liberdade religiosa, garante o estatuto legal das Igrejas e comunidades religiosas e proíbe qualquer forma de discriminação contra qualquer comunidade religiosa. A lei também prevê as bases para o estabelecimento de relações entre o Estado e as comunidades religiosas.

A lei cria igualmente um registro unificado para todos os grupos religiosos no âmbito do Ministério da Justiça, enquanto o Ministério dos Direitos Humanos e dos Refugiados tem por tarefa documentar violações à liberdade religiosa.

A lei reconhece quatro Igrejas e comunidades religiosas tradicionais: a Comunidade Islâmica, a Igreja Ortodoxa Sérvia, a Igreja Católica e a Comunidade Judaica.

De acordo com a lei acima referida, qualquer grupo de 300 cidadãos adultos pode candidatar-se a formar uma nova Igreja ou comunidade religiosa, apresentando para tal um pedido escrito ao Ministério da Justiça. Este ministério vai emitir uma decisão no prazo de trinta dias após o pedido, podendo ser apresentado recurso ao Conselho de Ministros. A lei permite que as organizações religiosas minoritárias se registrem legalmente e atuem sem restrições injustificadas.

A lei reafirma o direito de cada cidadão à educação religiosa. Isto exige que um representante oficial das várias Igrejas e comunidades religiosas seja responsável por ensinar estudos religiosos em todas as escolas pré-primárias, escolas primárias e universidades públicas e privadas.

O “Acordo básico entre a Santa Sé e a Bósnia-Herzegovina” foi assinado em 19 de abril de 2006. Em abril de 2010, foi assinado um acordo relativo ao cuidado pastoral para os membros católicos das forças armadas da Bósnia-Herzegovina.

O Acordo Básico entre a Bósnia-Herzegovina e a Igreja Ortodoxa Sérvia foi assinado em 3 de dezembro de 2007.

Em 6 de janeiro de 2010, a Comunidade Islâmica submeteu a sua proposta de acordo com o Estado à Presidência da Bósnia-Herzegovina. O conteúdo ainda estava sendo negociado no momento em que o presente relatório foi publicado.

Os bosniaks (muçulmanos bósnios) têm tido uma perspectiva tradicionalmente secular e europeia. Durante o período anterior à guerra, foram sobretudo os idosos das zonas rurais que frequentaram as mesquitas. Contudo, o período pós-guerra foi caracterizado por um aumento no número de muçulmanos bósnios jovens, educados e urbanos frequentando regularmente a mesquita. Esta frequência das mesquitas em grande escala é visível sobretudo nas orações semanais de sexta-feira (jumu’a) e nas orações anuais Bayram (‘Eid).

Hoje em dia, na Bósnia-Herzegovina quase todos os grupos islâmicos estão representados, desde os seguidores de Nursi aos salafis, dos revivalistas aos seguidores de Abu Hamza, pelo menos na Internet.<sup>[1]</sup> Malásia, Arábia Saudita, Jordânia, Indonésia, etc., têm mesquitas com os seus nomes em Sarajevo e em outras cidades. O Catar e os Emirados Árabes Unidos apoiaram a reconstrução de edifícios da Faculdade de Estudos Islâmicos e da Biblioteca Gazi Husrev-bey. A mesquita Rei Fahd, construída pelos sauditas em 2000, é o maior local de culto muçulmano nos Balcãs. A maior parte das novas construções contrastam enormemente com as mesquitas otomanas de pedra tradicionais, com cúpulas baixas arredondadas e um único minarete monumental.

A influência do Islamismo wahabi<sup>[2]</sup> foi importada por combatentes estrangeiros que chegaram durante a guerra na década de noventa para lutarem com os muçulmanos bósnios e que nunca foram embora. Eles são financiados por fundações beneficentes sauditas.

Husein Bosnic, o líder do movimento wahabi no país, foi condenado a sete anos de prisão em novembro de 2015 por recrutar combatentes para se juntarem ao autoproclamado Estado Islâmico na Síria e no Iraque. Pelo menos seis cidadãos da Bósnia-Herzegovina, que participaram em palestras muçulmanas levadas a cabo em bastiões salafis nas zonas ocidentais e do norte do país, foram mortos na Síria.<sup>[3]</sup> A polícia calcula que cerca de 200 cidadãos da Bósnia-Herzegovina, incluindo mulheres e crianças, partiram para se juntar aos

combatentes na guerra na Síria nos últimos três anos, sendo que mais de cinquenta regressaram e cerca de trinta foram mortos.

## INCIDENTES

Nos últimos 15 anos, tem havido confrontos entre a comunidade local moderada e pessoas de fora com ideias mais radicais do Islamismo e do seu papel na Bósnia-Herzegovina. Os extremistas atacaram repetidas vezes Selvedin Beganovic, um imã na pequena aldeia de Trnovi, no noroeste da Bósnia-Herzegovina, depois de este ter escrito uma carta aberta afirmando a sua oposição ao recrutamento de jovens muçulmanos para combaterem na Síria e no Iraque. O atual líder da Comunidade Islâmica na Bósnia-Herzegovina, Husein Kavazovic, foi colocado sob proteção policial depois de receber uma ameaça de morte de um membro do EI.

Em meados de janeiro de 2016, a Riyasat, o principal órgão da Comunidade Islâmica, apelou à dissolução das comunidades muçulmanas paralelas estabelecidas ilegalmente no país. Apelou aos membros dessas comunidades para que se integrassem nas estruturas alinhadas com a legislação bósnia sobre comunidades religiosas. Calcula-se que sessenta e quatro comunidades islâmicas ilegais estejam ativas no país, sendo consideradas como focos de radicalismo e extremismo. A Riyasat distanciou-se destas comunidades, explicando que não tem conhecimento sobre o que está acontecendo e que não pode ser responsabilizada pelas suas atividades.

Em novembro de 2015, um muçulmano matou dois soldados num subúrbio de Sarajevo. Um policial sérvio bósnio foi morto num ataque na esquadra de polícia de Zvornik em abril de 2015 por um membro do movimento wahabi, Nerdin Ibric. Este ataque seguiu-se a outro durante o qual um policial foi morto numa esquadra em Bugojno em 2010, e a um tiroteio no edifício da embaixada dos EUA em Sarajevo um ano mais tarde.

Em dezembro de 2015, líderes dos maiores partidos políticos bósnios (muçulmanos) e da Comunidade Islâmica adotaram uma declaração em Sarajevo de condenação da violência usada em nome dos muçulmanos e apelaram aos bósnios muçulmanos para que se opusessem a estas ações. Os líderes afirmaram que a Bósnia-Herzegovina está gravemente ameaçada pelo radicalismo islâmico e por um terrorismo cada vez mais forte, tendo encontrado uma base nas comunidades isoladas lideradas por autoproclamados intérpretes da fé islâmica. Os líderes referiram explicitamente os promotores da vertente takfir do Islã, que considera quase todos os países com populações muçulmanas como infiéis e que advoga um regresso ao “Islã original”.

Ao mesmo tempo que eram construídas dezenas de mesquitas na capital, Sarajevo, nenhuma autorização de construção foi dada para a construção de igrejas cristãs. Até agora, as autoridades recusaram-se a devolver centenas de edifícios da Igreja nacionalizados, apesar de uma decisão tomada pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos nesse sentido.

[1] A globalização e o seu impacto nas práticas dos bósnios muçulmanos, por Ahmet Alibasic.

[2] A maioria dos muçulmanos por nacionalidade declaram-se hoje em dia como Bosniaks (muçulmanos bósnios).

[3] A globalização e o seu impacto nas práticas dos bósnios muçulmanos, por Ahmet Alibasic.

A Diocese de Banja Luka na República Srpska tem menos de 10 mil católicos, a maior parte dos quais são idosos, em comparação com os 200 mil que tinha antes da guerra. Hoje em dia, a falta de oportunidades de emprego, uma sensação de inércia política e o aumento do radicalismo islâmico desencadearam outro êxodo, sobretudo entre os jovens católicos.

De acordo com o Bispo Franjo Komarica, responsável pela Conferência Episcopal católica da Bósnia-Herzegovina, durante anos os croatas católicos não receberam qualquer tipo de apoio da comunidade internacional para permitir que antigos refugiados regressassem ao seu país.

O Cardeal Vinko Puljic, Arcebispo de Sarajevo, afirmou, numa carta<sup>[4]</sup> ao Patriarca Irinej da Igreja Ortodoxa Sérvia em fevereiro de 2016, que as declarações nas quais este glorificou a criação da República Srpska causaram “descrença, choque e desilusão”, sobretudo a sua alegação de que a República Srpska tinha sido fundada com base na “verdade e justiça de Deus”. A carta lembrava ao patriarca sérvio que mais de 140 mil católicos tinham sido obrigados a abandonar as suas casas no território que hoje em dia constitui a República Srpska.

Devido a mais de cinquenta anos de comunismo e a uma guerra devastadora que incluiu tensões inter-étnicas e inter-religiosas, hoje em dia a tolerância inter-religiosa é frágil e complexa. A religião tem desempenhado um papel no conflito na Bósnia-Herzegovina, mas sobretudo indiretamente e a sua dimensão é muitas vezes exagerada.

Frágil e marginalizada durante o comunismo, a religião tornou-se vulnerável à manipulação por parte de comunistas transformados em nacionalistas que procuravam uma nova base de legitimidade. Centenas de igrejas e mesquitas foram intencionalmente destruídas. As comunidades religiosas em muitos locais foram divididas ao longo das linhas de conflito. Após a guerra da década de noventa, onde existiam ligações entre as comunidades ortodoxa, católica e muçulmana, essas ligações foram gravemente danificadas.

Ao longo da guerra, tanto o Vaticano como os bispos católicos na Bósnia-Herzegovina apoiaram um estado unido e multiétnico e opuseram-se a propostas de divisão ao longo das linhas étnicas e religiosas.

Uma vez que a situação na Bósnia-Herzegovina não melhorou e se tornou mais desesperada, alguns muçulmanos começaram a falar em termos de uma jihad.

Ao contrário de muitos dos seus homólogos católicos e muçulmanos que ficaram nas áreas controladas pelos sérvios até serem forçados a ir embora devido à “limpeza étnica”, a maior parte dos bispos e sacerdotes ortodoxos fugiram de áreas sob controle croata e bósnio no início da guerra. Ao fazê-lo,

a Igreja Ortodoxa poderá ter contribuído para a guerra, não por criar um nacionalismo agressivo, mas por validar as suas alegações de direitos nacionais e vitimização, e conferindo-lhe legitimidade teológica e religiosa.

Um dos pioneiros do diálogo inter-religioso na Bósnia-Herzegovina é o sacerdote franciscano Marko Orsolich, que fundou o Centro Internacional para a Promoção do Diálogo Inter-Religioso em Sarajevo antes da guerra. Este centro envolveu sacerdotes, um imã, o presidente da comunidade judaica e inúmeros ateus. Os Franciscanos têm trabalhado na região desde pelo menos o séc. XIV e têm uma longa tradição de promoção da tolerância inter-religiosa.

A fundação de um Conselho Inter-Religioso em 1997 foi um ponto de mudança na história da religião na Bósnia-Herzegovina. A sua tarefa consiste em criar uma base autêntica para a estima mútua, a cooperação e a livre convivência no país.

Durante a sua visita em 6 de junho de 2015 a Sarajevo, o Papa Francisco enfatizou a importância do diálogo durante um encontro ecumênico e inter-religioso de representantes de diferentes comunidades religiosas. O Papa incentivou todos os cidadãos a trabalharem com todos os grupos étnicos e religiosos no país, em solidariedade, para criarem uma paz duradoura. O Papa sugeriu também que o diálogo inter-religioso não deve ser deixado apenas à responsabilidade dos líderes religiosos, mas que deve “alargar-se tanto quanto possível a todos os crentes, envolvendo os diferentes setores da sociedade civil”.<sup>[5]</sup>

## PERSPECTIVAS PARA A LIBERDADE RELIGIOSA

A Bósnia-Herzegovina não tem uma narrativa comum, mas o seu povo e os seus líderes concordam num ponto: o Estado na sua forma atual é insustentável. Depois de milhões de dólares de ajuda externa e administração internacional intrusiva, o país está, mesmo assim, caminhando lentamente para a desintegração. Nem a sobrevivência do país nem a sua integração na União Europeia e na NATO estão garantidas.

A Bósnia-Herzegovina poderá reformar-se suficientemente para concluir a sua entrada na União Europeia, mas separar-se pacificamente. Poderá manter-se unida, mas estagnar e nunca entrar na UE. Pior, poderá se dividir em duas ao longo das linhas étnico-religiosas e, incapaz de sobreviver individualmente, isso poderá abrir a porta à corrupção e ao conflito.

Por enquanto, não há um grupo muçulmano significativo na Bósnia-Herzegovina que defenda o estabelecimento de um estado islâmico ou a aplicação da sharia. Entretanto, o

[4] Carta em nome de todos os bispos bósnios de 8 de Fevereiro, desencadeada por declarações de Irinej por ocasião do Dia da República Srpska, observado a 9 de Janeiro. O Tribunal Constitucional da Bósnia-Herzegovina declarou o feriado como inconstitucional porque este refletia apenas os desejos de uma das nações.

[5] [http://en.radiovaticana.va/news/2015/06/06/pope\\_says\\_interfaith\\_dialogue\\_is\\_a\\_duty\\_for\\_all\\_in\\_bosnia/1149623](http://en.radiovaticana.va/news/2015/06/06/pope_says_interfaith_dialogue_is_a_duty_for_all_in_bosnia/1149623)

rival da Arábia Saudita que está surgindo, o Governo turco, também vê uma abertura para influenciar o futuro da Bósnia-Herzegovina. Esta é a principal área de concorrência entre a Turquia e a Arábia Saudita em termos da definição do futuro do Islã.

Livres do receio da guerra, da violência e da intimidação, os membros das várias religiões na Bósnia-Herzegovina deveriam viver juntos e em paz numa sociedade multiétnica e multirreligiosa. Mas estas iniciativas para promover o diálogo inter-religioso na Bósnia-Herzegovina do pós-guerra permanecem distantes da realidade das pessoas comuns. Foram iniciativas que se focaram sobretudo em pequenos círculos de intelectuais e que não afetaram grupos mais abrangentes da sociedade.

Uma vez que a religião tem sido um grande divisor da identidade na Bósnia-Herzegovina, existe esperança de que o diálogo inter-religioso possa contribuir para a tolerância multiétnica e multinacional. Os líderes religiosos parecem concordar com a necessidade de renovar o diálogo genuíno e a necessidade de reconciliação entre os órgãos religiosos e entre as três comunidades. O Conselho Inter-Religioso da Bósnia-Herzegovina, fundado pelo Cardeal católico Vinko Puljic, Arcebispo de Sarajevo, tem um peso moral importante e um forte valor simbólico.

O desafio para a Bósnia-Herzegovina será demonstrar que a religião pode ser alternativa ao extremismo nacionalista e pode ser uma fonte de paz, por causa da sua ligação próxima com a cultura e a identidade nacional.